

E a dura luta contra a miséria da ignorância

As sociedades tecnologicamente avançadas parecem ter consciência de que, num mundo de sofisticação informativa, o capital mais precioso é a capacidade do homem de ordenar e organizar com forma e sentido seu poder de atuação e transformação da natureza e de si mesmo. Afirmar que a psicoterapia e a psicanálise podem colaborar com o anseio da independência e do desenvolvimento é uma idéia ousada — mas é isso o que propõe Jacob Pinheiro Goldberg.

O desenvolvimento norte-americano nas décadas de 40 e 50, diz ele, pode ser atribuído em parte à imigração de cérebros alemães para os Estados Unidos (o responsável pelo programa espacial dos EUA foi Werner von Braun, cientista alemão que criou as bombas V-2). A União Soviética destina recursos fabulosos para alimentar o nível de vida privilegiado de seus intelectuais, que ali constituem uma espécie de casta, a *nomenklatura*. Investe-se no talento criador. Entretanto, o próprio meio ambiente atua, paradoxalmente, como repressor da explosão criativa.

Mas os fatores que reprimem tal “explosão” podem ser identificados e neutralizados pelo próprio indivíduo, na medida em que este tome consciência deles e aprenda a reagir contra os mesmos. Na opinião de Goldberg, justifica-se, portanto, o esforço para se verificar as causas das inibições, bloqueios, medos e repressão que impedem ao homem utilizar sua inteligência na totalidade — e, a partir daí, formular uma espécie de reprogramação de propostas vivenciais.

Mas como fazer para ultrapassar os condicionamentos familiares, educacionais, sociais e religiosos? Como proceder para se atingir a grande meta — a utilização total da dotação fisiológica, orgânica e histórica da inteligência, sem restrições? Não é fácil, certamente, mas a simples identificação do problema e a conscientização do indivíduo de que ele existe (e pode ser eliminado) já é um grande passo.

Num workshop realizado este mês no Guarujá, com um grupo de analisando



A criatividade, entre a sanidade e a loucura. Um mito?

dos bastante eclético, o assunto foi discutido, com o estudo individual de cada caso. Durante três dias, 14 pessoas se debruçaram sobre a sua formação escolar, suas vontades e castrações, para tentar entender sua própria inteligência. Professores universitários do Brasil e do Exterior, estudantes e até uma dona-de-casa tentaram situar os limites em que são capazes de aplicar conexões intelectuais para responder aos estímulos, adversidades e provocações do mundo exterior.

Diante de um problema real, como alguém reage? Aplicando a própria inteligência, com prontidão e diligência total? Ou, pelo contrário, percebendo-se preso num confuso e aterrador emaranhado que só lhe permite aplicá-la parcialmente? Quantas vezes um indivíduo descobre, dias, semanas e até meses depois que poderia ter reagido de forma diferente, e mais satisfatória?

Guardando a identidade dos participantes, por uma questão de ética (não obstante terem concordado em trabalhar na presença de um jornalista, estranho ao grupo), alguns dos casos merecem ser explicitados. Por exemplo: um dos elementos do grupo, professor

universitário, considerado um dos mais brilhantes expoentes no seu ramo de conhecimento, em todo o País, punha em dúvida sua capacidade intelectual, preferindo atribuir seu sucesso à “ignorância alheia” ou à sua “capacidade de vender uma imagem mentirosa e falsa de si mesmo”. No fim das sessões de terapia, percebeu-se que ele não vinha enfrentando o problema com seus dotes intelectuais, por causa de um medo quase pânico diante da perspectiva de sucesso. Um medo ligado à noção de que tal sucesso traria obrigatoriamente a competição e a eventualidade de uma derrota seguida do escândalo e da exposição pública ao vexame. Diante de tal situação, vinha reagindo como um colegial.

Outro caso interessante: o de um professor de universidade estrangeira, economista e biólogo, convidado para assumir, até o fim do ano, a vice-presidência mundial de uma empresa multinacional, com status e salário altíssimos, mas cujas atividades vinham sendo realizadas mecanicamente, sem qualquer contribuição individual. Filho de pais pobres, mas criado por parentes abastados, que sempre exigiram dele uma atitude subserviente — para que

não se sobressaísse em relação ao filho da família, seu primo — ele não se permitia aceitar o próprio sucesso, por uma falsa noção de gratidão e lealdade aos tutores.

Outro caso dramático: uma moça de quase 30 anos, filha de família nobre europeia (uma duquesa), viu-se, de repente — com a falência da família —, na contingência de trabalhar com um salário de classe média, no Brasil, como imigrante, e sem qualquer status, depois de ter estudado nos melhores colégios suíços. No emprego brasileiro, entretanto, agia com dupla imagem: a de duquesa e a de assalariada. Num determinado episódio, seu chefe foi radical: ou ela se adaptava à sua realidade ou seria uma duquesa no olho da rua.

Inteligente, capaz, era evidente que suas conquistas profissionais se deviam a seu valor como indivíduo e como profissional (sociólogo), mas uma leitura distorcida da realidade levava-a a presumir que tinha sido contratada não por seus atributos intelectuais, mas pelo título nobiliárquico. Uma atitude, evidentemente, ingênua e até estúpida. O choque com a verdade — por intermédio da psicoterapia — exigiu uma releitura de toda a sua vida. E uma tentativa de auto-aceitação.

“Sem liberdade, sem que afastemos nossos fantasmas interiores, não podemos exercer a inteligência plena”, conclui o psicoterapeuta. O esforço para a compreensão de fatos traumáticos veio acompanhado muitas vezes de reações dramáticas, crises de choro — e, depois, de um profundo alívio. Uma espécie de libertação que os japoneses chamam de *satori* (iluminação).

A experiência neste workshop revelou, de acordo com seu coordenador, que nenhum país pode abrir mão do estímulo à inteligência, à educação e à liberdade crítica. Gênios podem estar sendo massacrados por um sistema educacional repressivo, que atua ao lado de uma organização familiar também imperfeita. A história está cheia de exemplos de casos nos quais a própria sociedade sufocou e até assassinou seus melhores filhos.